

DE

“ Foi o grupo de *Orpheu* a que me honro de ter pertencido, que pela primeira vez em Portugal, ergueu bem alto ideologicamente o estandarte da revolta contra velharias mais ou menos académicas que pretendiam mumificar o pensamento antigo em vez de procurarem rejuvenescê-lo dando-lhe uma nova seiva vivificadora que de modo algum o desvirtuaria. ”

Raul Leal, 1945

OS

O

“ É que *Orpheu*, meus senhores, foi o primeiro grito moderno que se deu em Portugal. ”

Almada Negreiros, 1935

R

“ [*Orpheu*] abriu uma janela para entrar ar fresco e sol na atmosfera bafienta da literatura de então. ”

Armando Côrtes-Rodrigues, 1948

P

“ A revista portuguesa *Orpheu*, cujo primeiro número apareceu agora, traz consigo o extraordinário interesse de fixar definitivamente uma corrente literária que de há pouco se vem esboçando em Portugal. ”

Fernando Pessoa, 1915

H

Há 100 anos um grupo de jovens publicou uma revista: *Orpheu*. Saíram apenas dois números. Foi o bastante para lançar a polémica e agitar o cenário artístico português, adormecido nas linhas estéticas novecentistas. *Orpheu*, revista e geração, “foi o primeiro grito moderno que se deu em Portugal”, na expressão de José de Almada Negreiros.

A exposição *Nós, os de Orpheu* – título parafraseado do texto de Fernando Pessoa na revista *Sudoeste* 3, em 1935 –, traça o percurso da revista e dos seus protagonistas, recorrendo muitas vezes, às próprias palavras dos “órficos”.

Através da reprodução de diversas obras e documentos (fotografias, recortes de imprensa, correspondência, manuscritos, etc.), apresenta-se o “Nós” que formou *Orpheu* e alargam-se perspectivas de leitura a todos “Nós” que, um século depois, continuamos a descobrir *Orpheu*. Porque, como Pessoa concluiu: “*Orpheu* acabou. *Orpheu* continua.”

E

U

NÓS

“Naquele tempo, um grupo de amigos reunia-se quase todas as noites no restaurante Irmãos Unidos, no Rossio: Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Santa-Rita Pintor, José Pacheco, Luís de Montalvor, Alfredo Guisado, Almada Negreiros e eu. Daí nasceu a necessidade de uma revista. A ideia de publicação de *Orpheu* deve-se a Luís de Montalvor e a Ronald de Carvalho, que com Eduardo Guimaraens, foram os dois poetas brasileiros que nele colaboraram.”

Armando Côrtes-Rodrigues, 1953

Um Grito Moderno: Orpheu 1

FERNANDO PESSOA E MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO começam por idealizar uma revista literária, primeiro com o nome *Lusitânia* e depois *Europa*, traduzindo ideias mais cosmopolitas. Acabam por ficar rendidos a *Orpheu*. E este título, sugerido por Luís de Montalvor e pelo brasileiro Ronald de Carvalho, reflete a vontade de criar uma publicação luso-brasileira capaz de juntar as artes e as letras.

Cerca de cinco anos depois do aparecimento de *Orpheu*, Fernando Pessoa traça o horóscopo da revista. Sabe, desde logo, que o dia 26 de março será simbólico e que *Orpheu* ficará gravado no nosso panorama literário e artístico.

O “órgão dos malucos”, como era conhecida a publicação nas ruas de Lisboa, tinha aberto o seu próprio caminho.

O Modernismo português fica para a História sob a égide de *Orpheu*, grupo e revista.

1914 - Julho, começa a Primeira Guerra Mundial. Muitos dos escritores portugueses que viviam em Paris regressam ao seu país.

1915 - Os escritores e artistas que tinham formado o grupo de Orpheu emigraram para o Brasil e para a Argentina. A maioria do Rosário e Mário de Sá-Carneiro regressam a Lisboa.

1915-1917 - Os irmãos Sá e Carlos de Azevedo fundam a revista *Orpheu*. Durante esse tempo, escrevem artigos, poemas e críticas artísticas entre os irmãos Sá, Carlos de Azevedo, Soares, Carlos, Almada Negreiros e Estanislau Varas.

1915 - Em julho, sai o segundo e último número da revista *Orpheu*. É publicado com o título provisório de *Orpheu* e dirigido por Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro.

1915 - Em maio publica-se o primeiro número da revista *Orpheu* com o título provisório de *Orpheu* e dirigido por Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro.

“Os meus parabéns, oh! Mas os meus vivíssimos parabéns pelo novo papel do nosso *Orpheu* que você fez imprimir não sei aonde. Homem, onde raio foi descobrir aquele tipo de papel e de letra – tão Álvaro de Campos e, ao mesmo tempo, tão inglês?”

Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, Paris, 10 de agosto de 1915.

“Quando vi que o *Orpheu* era dado como propriedade de “*Orpheu Ltda.*” observei ao Sá-Carneiro que era preferível dizer “*Empresa do Orpheu*” ou coisa parecida, e não empregar uma designação de sociedade por quotas. “E se alguém se lembrar de nos pedir a certidão de registo no tribunal do Comércio?” “Você crê?”, disse o Sá-Carneiro. “Deixe ir assim. Gosto tanto da palavra limitada.” “Está bem”, respondi, “se o caso é esse, vá. Mas, olhe lá, que serviço é este de o António Ferro figurar como editor? Ele não pode ser editor porque é menor.” “Ah, não sabia, mas assim tem muito mais piada!” E o Sá-Carneiro ficou contentíssimo com a nova ilegalidade. “E o Ferro não se importa com isso?”, perguntei. “O Ferro? Então V. julga que eu consulte o Ferro?” Nessa altura desatei a rir. Mas de facto informou-se o Ferro e ele não se importou com a sua editoria involuntária nem com a ilegalidade dela.”

Fernando Pessoa, [post. 1922]

“Uma característica do *Orpheu* (a qual chegou a ser hilariante) era a de passar por uma série infundável de ismos. E tanto mais infundável quanto no *Orpheu* era o encontro de letras e pintura, cada um com a sua série infundável de ismos.”

Almada Negreiros, 1965

Um Ato de Loucura: Orpheu 2

O SEGUNDO NÚMERO DE *ORPHEU* é posto à venda a 28 de junho. Os diretores são, agora, Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro. A capa assume uma linha tipográfica semelhante à revista inglesa *Blast*. O papel e a letra revestem-se de um estilo diferente, “tão Álvaro de Campos e, ao mesmo tempo, tão inglês”, nas palavras de Sá-Carneiro. E a colaboração especial do futurista Santa-Rita Pintor, com *hors-textes* duplos, completa o lado plástico desta publicação.

Nas listas de colaboradores surgem outras novidades: o poeta-louco, Ângelo de Lima; o brasileiro Eduardo Guimaraens; o autor de uma “novela vertiginosa”, Raul Leal; e um “anónimo ou anónima que diz chamar-se Violante de Cysneiros”.

Dois poemas bastaram para que a imprensa levantasse de novo o burburinho à volta dos de *Orpheu*: “*Manucure*” de Mário de Sá-Carneiro e “*Ode Marítima*” de Álvaro de Campos. Numa resposta sem tréguas, Raul Leal escreve o panfleto, *O Bando Sinistro*, e, como se faltassem motivos para polémica, Fernando Pessoa ataca mais reações ao dirigir uma carta ao diretor do jornal *A Capital*, assinada por Álvaro de Campos.

Orpheu 2 reafirma o escândalo no cenário literário e artístico português e os seus autores regozijam-se com isso.



Páginas iniciais de *Orpheu: revista trimestral de literatura*, volume 1, março de 1915, sob a direção de Luís de Montalvor e Ronald de Carvalho.



Capa e sumário de *Orpheu: revista trimestral de literatura*, volume 2, junho de 1915.



Excerto de "Ode Marítima", dedicada a Santa-Rita Pintor e assinada por Álvaro de Campos, em *Orpheu* 2, 1915.

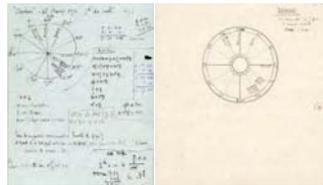


António Ferro

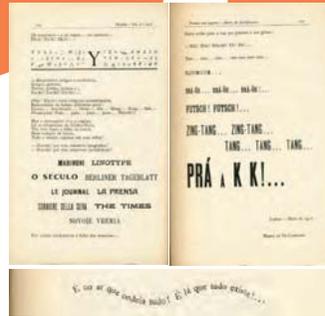
António Ferro, 1915. Apesar de não contribuir com nenhuma produção literária, António Ferro (1895-1956) inscreveu o seu nome na revista *Orpheu* enquanto editor de ambos os números. Foi Mário de Sá-Carneiro, com a cumplicidade de Fernando Pessoa, que o escolheu para esse lugar, por ser o único do grupo que não tinha ainda atingido a maioridade, sendo portanto inimputável em caso de denúncias. A decisão, tomada num primeiro momento sem consultar o próprio Ferro, excitara a dupla de amigos por constituir uma provocação aos meandros da lei.



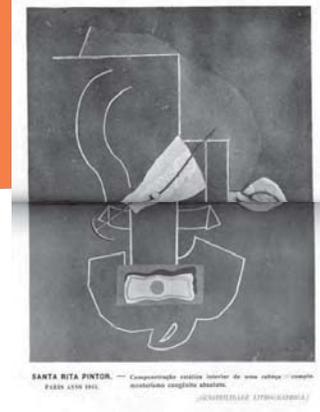
Listas de Fernando Pessoa com a identificação dos primeiros exemplares distribuídos da revista *Orpheu*, de 24 a 29 de março de 1915.



Rascunho e versão final da carta astral da revista *Orpheu* traçada por Fernando Pessoa, provavelmente em 1920, em que se lê que o primeiro exemplar foi vendido no dia 26 de março de 1915, às 19h. Em 1915, no seu diário, Pessoa regista que nesse mesmo dia, até às 19h tinham sido vendidos 17 exemplares.



Excertos do poema "Manucre" de Mário de Sá-Carneiro, inserido na série "Poemas sem Suporte", dedicados a Santa-Rita Pintor, em *Orpheu* 2, 1915.



Um dos *hors-textes* de Santa-Rita Pintor em *Orpheu* 2, com o título "Compeneção estética interior de uma cabeça - complementarismo congénito absoluto", Paris 1915.

Um Caso de

“Tantos e tais foram os artigos, que em três semanas o *Orpheu* se esgotou – Totalmente, completamente se esgotou.”
Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues, Lisboa, 19 de abril de 1915.

O LANÇAMENTO DE *ORPHEU* 1 provoca uma avalanche de chacota nos jornais e na opinião pública. “Degenerados”, “doidos”, “alienados” e “paranóicos” são alguns dos termos utilizados para apelar os autores da revista.

1915 – Em janeiro é constituído o Conselho da Prémia de Castro, onde Manuel de Castro, Presidente da República.

1915 – A 14 de maio dá-se a revolta militar liderada pelos democratas, que depõem o governo de Castro. A 22 de maio Fátima Braga é nomeada Presidente da República.

Salvo uma caricatura de Almada Negreiros, publicada em *O Jornal*, a 13 de abril de 1915, nenhum colaborador de *Orpheu* responde aos diferentes ataques de que foram alvo. Nem as acusações de pertença ao grupo sócio-político do *Integralismo Lusitano*, nem o desdém do psiquiatra Júlio de Matos pelos “dissimuladores de extravagâncias”, ou a ironia do médico-escritor Júlio Dantas, na crónica “Poetas-paranóicos”, conseguiu quebrar o silêncio vigente entre os de *Orpheu*.

“Somos o assunto do dia em Lisboa (...) Somos apontados na rua, e toda a gente mesmo extra-literária fala no *Orpheu*.”
Fernando Pessoa, 1915

Literatura,

“Os nossos psiquiatras estudaram psiquiatria. Estão portanto competentes para dar uma opinião sobre assuntos psiquiátricos. Se tivessem estudado biologia, estariam competentes para darem opinião sobre assuntos biológicos. Para dar uma opinião sobre literatura, parece, pois, que era mister que tivessem estudado – não psiquiatria, que só habilita a opinar sobre psiquiatria – mas literatura.”
Fernando Pessoa, [1914]

1915 – O conflito belico abate-se na Europa. Em Portugal vivem-se tempos de escassez de produtos e de artigos comerciais.

“O escândalo que o aparecimento de *Orpheu* produziu no público foi e ficou inédito na vida literária portuguesa. Portugal leitor, de Norte a Sul, delirava de regozijo, exatamente como se cada português tivesse sido o achador daqueles loucos à solta.”
Almada Negreiros, 1935

“Fomos recebidos como o foi Antero, à gargalhada. Chamaram-nos doidos, como chamaram doido a Antero.”
Fernando Pessoa, [1915]

“Mas o facto é que ela [*Orpheu*] tem sabido irritar e enfurecer, o que, como V. Ex.^a muito bem sabe, a mera banalidade nunca consegue que aconteça. Os dois números não só se têm vendido, como se esgotaram, o primeiro deles no espaço inacreditável de três semanas. Isto alguma coisa prova – atentas as condições artisticamente negativas do nosso meio – a favor do interesse que conseguimos despertar.”
Fernando Pessoa a Camilo Pessanha, Lisboa, maio de 1915.

Psiquiatria

O LANÇAMENTO DE *ORPHEU* 2 continuou a provocar reações na imprensa. Um dos casos mais polémicos rebentou quando *A Capital* publicou, a 5 de julho, um artigo em que os colaboradores da revista são descritos como “inofensivos futuristas”, desejosos de representar nos teatros portugueses delirantes recitais de “dramas dinâmicos”. A cortina, que durante semanas tinha afastado os artistas órficos da tentação de reagir à imprensa, rasgou-se. Álvaro de Campos envia, no dia seguinte, uma carta ao diretor desse periódico fazendo troça dos jornalistas e recusando o rótulo futurista aplicado ao drama que o grupo tencionava apresentar. Ao mesmo tempo, alude com escárnio ao grave acidente ocorrido a Afonso Costa.

O então líder do partido democrático e futuro primeiro-ministro, dois dias antes, fraturara o crânio, quase morrendo, ao atirar-se da janela de um elétrico em movimento para evitar aquilo que julgou ser um atentado à sua vida. No próprio dia 6 de julho, *A Capital* torna pública a carta de Campos e um artigo de resposta aos “cérebros destrambelhados do *Orpheu*”, condenando sobretudo a “repugnante alusão ao desastre de que foi vítima o Sr. Dr. Afonso Costa”.

1915 – A 5 de julho o líder democrático Afonso Costa recorre a honra de atirar-se da janela de um elétrico em movimento, fraturando o crânio.

1915 – A 6 de julho, Barroso é afastado e eleito Presidente da República.

Alguns colaboradores da revista expressam na imprensa a sua discórdia em relação às palavras de Álvaro de Campos. Mário de Sá-Carneiro aproveita para reforçar que *Orpheu* pretende exercer “uma ação exclusivamente artística”, sem o interesse de promover “qualquer opinião política ou social – definitiva e coletiva”.

À parte as críticas da imprensa, a revista *Orpheu* serve de mote a caricaturas, folhetos e espetáculos de teatro e de revista.

1915 – A 29 de novembro Afonso Costa assume a Presidência do governo e a revista dá o nome ao partido democrático.

e Política



Página do artigo "Literatura de Mântico: Os Poetas de Orpheu", A Capital, 30 de março de 1915, uma das primeiras críticas à revista Orpheu.



Recorte da primeira página do artigo "Arte exótica: Os poetas de Orpheu e os alienistas", A Luta, 11 de abril de 1915, em que se destaca o parecer de dois psiquiatras à pergunta do jornalista: "Os rapazes são malucos?". O primeiro, que pediu o anonimato, afirma: "São meninos sem talento que querem chamar sobre si as atenções do público vomitando asneiras". O segundo, Júlio de Matos, acrescenta: "Os senhores fazem mal em ligar-lhes importância, em fazer-lhes reclama. Isso é o que eles querem." No final do texto pode ler-se: "Portanto não são doidos. É escusado ter dó. Podemos rir-nos deles..."



Caricatura publicada no Século Cómico, a 8 de julho de 1915, feita por Stuart sobre os trabalhos de Santa-Rita Pintor para a revista Orpheu 2.



Datiloscrito com emendas da carta dirigida por Álvaro de Campos ao diretor de A Capital, a 6 de julho de 1915, na qual o "engenheiro e poeta sensacionista" responde ao artigo "Uma récita do Orpheu", publicado nesse jornal no dia anterior, fazendo troço dos jornalistas e do acidente de elétrico em que o político Afonso Costa esteve envolvido.



Recorte do artigo que coloca um ponto final à polémica "O caso do Orpheu", A Capital, 7 de julho de 1915. Aqui pode ler-se que alguns dos colaboradores da revista manifestaram a sua discreórdia em relação à carta que Campos enviara para o diretor deste jornal.



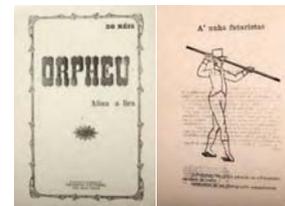
Recorte da crónica de Júlio Dantas "Poetas-paranóicos", A Ilustração Portuguesa, 19 de abril de 1915, em que pode ler-se: "é justo confessar que os loucos não são precisamente os poetas, mais ou menos extravagantes, que querem ser lidos, discutidos e comprados; quem não tem juízo, é quem os lê, quem os discute e quem os compra".



Tira humorística "Arffonseu", publicada em O Thalassa: semanário humorístico e de caricaturas, 23 de abril de 1915, em que se aproveita para parodiar o líder democrático Afonso Costa, ao mesmo tempo que se faz uma reprodução burlesca da "Ode Triunfal" de Álvaro de Campos.



"Registo bibliográfico: Orpheu". O Povo, 5 de julho de 1915, artigo em que se lê uma crítica aos trabalhos de Santa-Rita Pintor: "este segundo número do Orpheu, ilustrado para mais, por Santa-Rita Pintor que, diga-se de passagem, compromete um tanto os intuitos da famosa revista.



Orpheu afina a lira, 1915

O panfleto a que se refere Mário de Sá-Carneiro, Orpheu afina a lira, faz parte da biblioteca particular de Fernando Pessoa e constitui um exemplo dos textos publicados para troçar dos autores de Orpheu.

"Pelas coisas que me diz terem saído, vejo que se falou bastante do Orpheu – muito sintomático do sucesso [da revista], a venda pública – logo: como "negócio" – dum panfleto sobre o caso. Embora sem interesse, gostava de o ver. Decerto você o arquivou, no entretanto".
Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, 23 de agosto de 1915.

- 1916 -
A de março a Almada
deixaria para a Portugal.

- 1917 -
Em dezembro, António Pais
assume a Presidência da
República com o apoio de
Mário de Sá-Carneiro.

- 1917 -
A comissão de Bateu
Romeu de Sampaio Magalhães,
vem a Portugal.

“Concordo intensamente com tudo quanto você diz do *Orpheu* 3. Claro que imprescindível o nosso engenheiro – e vincadamente pelas razões que aponta: Capital, etc. O Numa... uma vez que o meu caro Fernando Pessoa se responsabiliza. Sabe bem a confiança completa que tenho em si. Portanto... E tem uma vantagem: o recorde do cosmopolitismo: preto português escrevendo em francês. Acho ótimo. Faltava-nos mesmo os artistas de cor. Assim fica completo. (...) O número 3 do *Orpheu* deve entrar no prelo, o mais tardar, nos primeiros dias de outubro. O tempo urge por consequência.”

Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa,
Paris, 31 de agosto de 1915.

“Como do Santa-Rita espero tudo lembrei-me que ele poderia ir à tipografia evocando até o meu nome, para obter crédito. Sei lá. (...) Compreende bem o grave que era se o Santa-Rita fosse lá fazer o 3 à custa do meu pai – dizendo até, sei lá, que aquilo era o n.º 3 do *Orpheu*.”

Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa,
Paris, 16 de outubro de 1915.

- 1906 -
Vai para Paris com o intuito de estudar Arquitetura. Abandona essa ideia e, no ano seguinte, inicia a sua atividade como pintor.

- 1913 -
Apresenta obras na Exposição Internacional de Arte Moderna, conhecida como *Armory Show*, em Nova Iorque.

- 1914 -
Regressa a Portugal, onde morre, em 1918, aos 30 anos, vítima de pneumónica.

“Dese Amadeo Cardoso tenho ouvido falar muito elogiosamente ao Santa-Rita e vi uns quadros dele, sem importância e disparetados Futurista replica duas das telas que Amadeo publicara em 12 Reproductions – album do qual, provavelmente, iam sair as reproduções para a edição de *Orpheu* 3.”

Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918), “o pintor por excelência” nas palavras de Almada Negreiros, absorve em Paris as tendências modernistas, não deixando de procurar a originalidade para os seus trabalhos.

A Primeira Grande Guerra faz com que regresso à sua terra natal, acompanhado pela mulher. Souza-Cardoso relaciona-se com os de *Orpheu* e é convidado para colaborar no terceiro número da revista com a reprodução de quatro obras suas.

Em 1916, Amadeo expõe no Porto e em Lisboa, impressionando uns tantos críticos e artistas, entre eles o seu amigo, Almada Negreiros, que, por altura da exposição da Liga Naval (Lisboa), publica o folheto intitulado Manifesto da Exposição de Amadeo de Souza-Cardoso e lhe dedica, depois, o livro *K4 O Quadrado Azul* e ainda o poema *Litoral*.

Em 1917, a revista *Portugal Futurista* replica duas das telas que Amadeo publicara em 12 Reproductions – album do qual, provavelmente, iam sair as reproduções para a edição de *Orpheu* 3.

ORPHEU 2 ANUNCIA O TERCEIRO VOLUME PARA OUTUBRO, “com o atraso dum mês, portanto, para que a sua ação não seja prejudicada pela época morta”.

Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa empenham-se neste número: procuram financiamentos, formulam convites, e estruturam listas de colaboradores condizentes com a linha artística de *Orpheu*.

Em setembro de 1915, Fernando Pessoa redige um texto para a sua divulgação, no entanto, *Orpheu* 3 não chega às bancas.

Este desfecho foi ditado por constrangimentos económicos – o pai de Sá-Carneiro deixa de financiar a revista, como tinha feito até então – e incompatibilidades entre alguns dos seus colaboradores, nomeadamente entre Santa-Rita Pintor e Mário de Sá-Carneiro.

Santa-Rita planeia, inclusivamente, uma outra publicação, de nome 3, que também não se concretiza. Apesar de tudo, e já depois da morte de Sá-Carneiro, Pessoa mantém vivo o projeto de *Orpheu* 3, terminando a definição dos seus conteúdos a 12 de maio de 1917, data que utiliza para traçar a carta astral desse número, e avançando com a preparação das provas tipográficas, que permitiram a publicação em 1984, pela editora Ática, dos textos de Albino de Menezes, Álvaro de Campos, Augusto Ferreira Gomes, José de Almada Negreiros, José Castelo de Morais, José Coelho Pacheco, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e de Tomás de Almeida.

Um Número Flutuante! Orpheu 3

“Pelo grupo passaram uma infinidade de flutuantes, o mais díspares possível.”

Almada Negreiros,
1934

“*Orpheu* 3 terá, também, quatro hors-textes do mais português: Amadeo de Souza-Cardoso, Amadeo de Fernando Pessoa, 1916”

“A Amadeo de Souza-Cardoso substantivo impar 1, o detentor da Apologia Masculina, o que me possui em tatuagem azul preferido da Luxúria e do Vício. (Vide génio Pintor).”

Almada Negreiros, 1916

Amadeo de Souza-Cardoso, O Pintor por Excelência

“O Santa-Rita deveras é um grande maçador. Estou farto de o aturar aqui com a questão do *Orpheu*. (...) ele só tem interesse em publicar os seus bonecos e do Picasso. (...) eu não creio de forma alguma que o Santa-Rita vá pagar o *Orpheu* mesmo para publicar os seus bonecos: tanto mais que o conheço bem em questões de dinheiro.”

Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, Paris, 2 de outubro de 1915.

Pessoa, Pessoa	- Poesias	15 páginas
Mário de Sá-Carneiro	- A Parábola das Horas	15 páginas
Mário de Sá-Carneiro	- Ousadia e a História de Dona II	10 páginas
Alameda Negreiros	- O Manifesto dos Futuristas	5 páginas
António Bossa	- Tebeo-ling	8 páginas
Mário de Sá-Carneiro	- H26K	10 páginas
Alameda Negreiros	- J. de S. P. 2000	10 páginas
		15 + 15 + 10 + 5 + 8 + 10 + 10 = 73

Um projeto do sumário para *Orpheu* 3, inserido na carta de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, escrita em Paris, a 31 de agosto de 1915. Para além de Pessoa, Campos, Sá-Carneiro e Alameda, aparecem como possíveis colaboradores: Numa de Figueiredo, António Bossa e Albino de Menezes. Uma lista bem diferente daquela que viria a figurar nas provas tipográficas de 1917.



Camilo Pessanha, [1915-1920], poeta admirado pelos de *Orpheu*. Fernando Pessoa solicita-lhe vários poemas para o terceiro número da revista, entre os quais “Violoncelo”.



Folha com o poema “Violoncelo” de Camilo Pessanha, no espelho de Fernando Pessoa. Armando Côrtes-Rodrigues, numa entrevista em 1953, recorda que Pessoa recitava de cor estes versos.

“O meu pedido – tenho, reparo agora, tardado a chegar a ele – é que V. Exa. permitisse a inserção, em lugar de honra do terceiro número, de alguns dos seus admiráveis poemas. Em geral publicamos em cada número bastante colaboração de cada autor, de modo que, apesar de a revista ter 80 páginas, os colaboradores de cada número não têm passado de 7 (8). Isto é para indicar que sobremaneira estimaríamos que nos concedesse a honra de publicar umas dez a vinte páginas de sua colaboração. (...)”

Podia V. Exa. fazer-nos o favor que pedimos? Nós não pedimos só por nós, mas por todos quantos amam a arte em Portugal; não serão muitos, mas, talvez por isso mesmo, merecem mais carinhosa atenção dos poetas. Se fosse possível envias-nos mais colaboração do que esta que indiquei, dobrado seria o favor, e sobradamente honradas as páginas da nossa revista”.

Excerto da carta dirigida por Fernando Pessoa a Camilo Pessanha, convidando-o para colaborar em *Orpheu* 3 com vários poemas seus, em maio de 1915.



Manuscrito e datiloscrito (com variantes) em que se lê o anúncio da publicação do terceiro número de *Orpheu* [anterior a 16 de setembro de 1915]:

“Eh-lá!

Acaba de publicar-se o terceiro número de *Orpheu*.

Esta revista é, hoje, a única ponte entre Portugal e a Europa, e, mesmo, a única razão de vulto que Portugal tem para existir como nação independente.

Le *Orpheu* é o único ato civilizado que é possível praticar hoje em Portugal, exceto o suicídio com ordem de incineração no testamento.

Comprar *Orpheu* é regressar de África. Compreender *Orpheu* é ter voltado de lá já há muito tempo.

Comprar *Orpheu* é, enfim, ajudar a salvar Portugal da vergonha de não ter tido senão a literatura portuguesa.

Orpheu é todas as literaturas.

À venda em todas as livrarias”.

Preço 50 centavos (em português: 500 réis).



“Você tem mil razões: O *Orpheu* não acabou. De qualquer maneira, em qualquer tempo há de continuar. O que é preciso é termos vontade.”

Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, 25 de setembro de 1915.

Carta astral de *Orpheu* 3, desenhada por Fernando Pessoa, [1917].

“Eu não sigo escola alguma. As escolas morreram. Nós, os novos, só procuramos agora a originalidade. Sou impressionista, cubista, futurista, abstracionista? De tudo um pouco. Mas nada disso forma uma escola.” Amadeo de Souza-Cardoso, 1916

“Amadeo de Souza-Cardoso, o pintor por excelência, o autêntico génio do grupo, o exemplo mais formidável de artista português de hoje em qualquer parte do mundo.” Almada Negreiros, 1934

“A nossa arte não deve recuar, como não deve recuar a nossa imaginação sem limites. A nossa arte caminha e deve caminhar sempre em frente, superando todos os obstáculos, sempre original, sempre virgem nas suas manifestações, pois só o virgem é belo.” Amadeo de Souza-Cardoso, 1916



Amadeo de Souza-Cardoso, *Oceano vermelho azul cabeço AZUL (continuidades simbólicas) Rouge bleu vert*, aquarela sobre papel, [1915].



Amadeo de Souza-Cardoso, *Par Impar 1 2 1*, óleo sobre tela, [1914-1916].



Amadeo de Souza-Cardoso, 1915



Carta astral de Amadeo de Souza-Cardoso traçada por Fernando Pessoa [1915-1918].



Sobrescrito que terá circulado entre Almada e Amadeo de Souza-Cardoso, possivelmente, com as provas tipográficas de *K4 O Quadrado Azul*, 1917.



Capa do folheto com o poema *Litoral*, de Almada Negreiros, dedicado a Amadeo de Souza-Cardoso, 1916.



Capa de *K4 O Quadrado Azul*, 1917. Amadeo de Souza-Cardoso e José de Almada Negreiros surgem como os editores deste livro. Esta edição contém o manifesto *Exposição Amadeo de Souza-Cardoso Liga Naval de Lisboa*.

“Guisado será sempre para mim o admirável Poeta e o excelente rapazolidado de burguesia.”
Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, 18 de novembro de 1915.

“P.S. - O Guisado tem feito ultimamente coisas, versos e inespantadamente belos.”
Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues, 4 de março de 1915

Alfredo Guisado, o Colaborador “Galego”

Côrtes-Rodrigues e Violante de Cysneiros

“É o Côrtes-Rodrigues quem, de todos, melhor e mais de dentro me compreende. Dizer-lhe isto.”
Fernando Pessoa, 1914

ARMANDO CÔRTEZ-RODRIGUES (1891-1971) colabora no primeiro número de *Orpheu* com poemas marcadamente simbolistas e decadentistas. Para o segundo número, o autor açoriano envia à apreciação de Álvaro de Campos um conjunto de versos assinados por Violante de Cysneiros, nome sugerido pelo seu amigo Fernando Pessoa. Nasce assim uma experiência heteronímica partilhada entre estes dois poetas.

Numa época em que as mulheres estão afastadas dos holofotes da vida literária, Violante de Cysneiros cumpre, de certo modo, a participação feminina em *Orpheu*.

Côrtes-Rodrigues dá continuidade à produção literária de Violante de Cysneiros, publicando vários textos, durante 1916, no jornal micalense *O Autônomico*, entre os quais uma carta aberta a Fernando Pessoa com o título “À memória do poeta Sá-Carneiro”.

- 1913 -
Publica a coletânea *Rimas da Noite e da Tristeza*.

- 1914 -
Em janeiro, colabora na revista *Ocidente* com o poema “Voo”.

- 1918 -
Sai *Ánfora*, o seu último livro assinado com o pseudónimo de Pedro de Menezes, em que se reedita os sonetos publicados na revista *Orpheu* 1.

ALFREDO PEDRO GUIASADO (1891-1975), antes de assinar “Treze sonetos” no primeiro número de *Orpheu*, publicou dois livros de versos, um dos quais sob o pseudónimo de Pedro de Menezes.

Com ascendência galega pelo lado paterno, Guisado foi um divulgador da revista na Galiza.

Pouco antes da saída de *Orpheu* 2, Guisado viu-se envolvido numa tentativa de agressão coletiva nos Irmãos Unidos – restaurante que pertencia à sua família e local de encontro dos artistas órficos. Um grupo de caceteiros invadiu o espaço com a intenção de linchar todos “os malucos de *Orpheu*”, mas, ao encontrarem Alfredo Guisado sozinho, optaram por uma retirada pacífica. A partir de então, as reuniões passaram a realizar-se no Café Montanha.

Aos versos paúlicos de Guisado, os de *Orpheu* dirigiram entusiásticas apreciações, que não encontraram, todavia, semelhante projeção no meio literário português das épocas posteriores. De facto, como sentenciou Óscar Lopes, Alfredo Guisado é “o mais injustamente esquecido dos poetas de *Orpheu*”. Faleceu a 30 de novembro de 1975, exatamente 40 anos depois da morte do seu maior admirador: Fernando Pessoa.

“O interesse de um nome feminino, que espicaçasse a curiosidade pública e quebrasse a monotonia da revista no aspeto da sua colaboração só masculina, fez com que Pessoa idealizasse esse heterónimo. Aceitei-o porque me agradava a sonoridade mediévia do nome.”

Armando Côrtes-Rodrigues, 1960

- 1916 -
Em maio, Violante de Cysneiros inicia a sua participação na rubrica “Azulejos”, do jornal *Autônomico*, terminando-a em dezembro deste ano.

- 1914 -
Em agosto, nasce o seu primeiro filho; Côrtes-Rodrigues tinha-se casado em julho de 1912.

- 1913 -
Em março, inicia a sua correspondência com Fernando Pessoa e em março do ano seguinte, com Sá-Carneiro.

- 1912 -
Em agosto, Armando Côrtes-Rodrigues inicia a rubrica “Notas sobre o Joelho”, no jornal *Autônomico*, sob o pseudónimo de Cesário Negro.

“Passámos a reunir no Café Montanha, onde se preparou o segundo número da revista. Colaborei nele com o pseudónimo de Violante de Cysneiros. Tinha-me negado a dar qualquer poema, com receio de que isso me trouxesse complicações no exame do fim do ano. O dr. Adolfo Coelho, meu mestre, que morava em Paço de Arcos, era meu companheiro de comboio entre Algés e Lisboa e, se vínhamos ao pé um do outro, levava toda a viagem a desancar impiedosamente os do *Orpheu*. Foi então que Fernando Pessoa, que muito frequentemente me recomendava a “duplicação de personalidade” (a frase era dele) sugeriu que arranjasse um pseudónimo de mulher, achando até excelente que aparecesse uma colaboradora entre tantos poetas, guardado o costumado sigilo, para provocar maior curiosidade. E foi ele que escolheu o nome.”

Armando Côrtes-Rodrigues, 1953



Alfredo Guisado, 1915



Artigo elogioso sobre o primeiro número de *Orpheu*, no *Jornal de Vigo*, 1915. Alfredo Pedro Guisado, nome que a imprensa galega já conhece de outras colaborações, é o único a ser destacado como um dos "jovens enamorados de la nueva escuela".

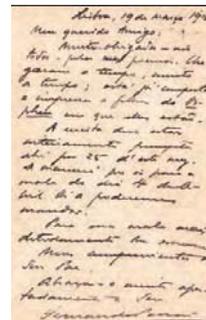
Terá sido Alfredo Guisado que, numa das suas viagens à Galiza, difundiu a revista *Orpheu* por terras espanholas.



Soneto "Ante Deus", *Orpheu* 1, março de 1915.



Armando Côrtes-Rodrigues, 1912



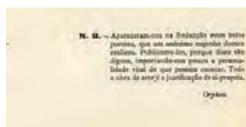
Postal enviado a Côrtes-Rodrigues, em 19 de março de 1915, no qual Pessoa agradece o envio dos poemas para o primeiro número da revista *Orpheu* e lhe diz: que "estás já composta e impressa a folha do *Orpheu* em que eles estão".



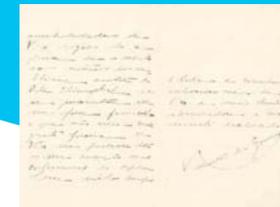
Cortes Rodrigues



Página introdutória da colaboração de Violante de Cysneiros em *Orpheu* 2 com a indicação: "Poemas dum anónimo ou anónima que diz chamar-se Violante de Cysneiros".

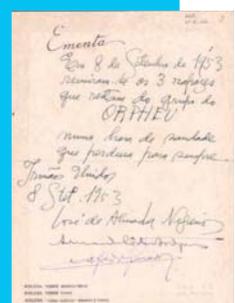


Nota editorial que antecede os poemas de Violante de Cysneiros em *Orpheu* 2: "Apareceram-nos na Redação estes belos poemas, que um anónimo engenho doente realizou. Publicamos-las, porque disseis são dignos, importando-nos pouco a personalidade vital que possam emanar. Toda a obra de arte é a justificação de si-própria."



Carta de Violante de Cysneiros a Fernando Pessoa, Lisboa, 5 de junho de 1915, em que lhe pede para submeter "ao critério do sublime autor da *Ode Triunfal*", Álvaro de Camões, "algumas produções poéticas" para o segundo número da revista *Orpheu*.

Alfredo Guisado



Fotografia durante o encontro dos "3 rapazes que restam do grupo de *Orpheu*", ocorrido a 8 de setembro de 1915, no restaurante Irmãos Unidos, em Lisboa. A "Ementa", assinada por José de Almada Negreiros, Armando Côrtes-Rodrigues e Alfredo Guisado, é outro testemunho deste reencontro.

“ Temos de nos encontrar para discutirmos as páginas de resguardo e o prospeto a distribuir, assim como a forma de reclame definitivamente: são coisas, todas elas, que temos de combinar e tratar conjuntamente. ”
Fernando Pessoa a José Pacheco, Lisboa, 11 de julho de 1917.

“ A capa da revista define o seu conteúdo. José Pacheco que fazia parte daquele grupo e fora encarregado de a desenhar, ao apresentá-la, submetendo-a a opinião dos seus companheiros, explicou que esse desenho significava espanto e outro não era o fim que tinha em vista. E saiu certo. Orpheu ”
Alfredo Gusião, 1965

“ Recebi hoje a sua carta que muito do coração agradeço. Foi para mim uma grande alegria a notícia de que o meu amigo finalmente ia ser justo para consigo próprio – isto é: expor – mostrando a sua Arte – a essa súa que não a compreenderá. Mas por isso mesmo tanto maior era o seu dever. ”
Mário de Sá-Carneiro a José Pacheco, Paris, 1 de agosto de 1914.

– 1913 –
Regressa de Paris, para onde tinha ido em 1910 a fim de estudar Arquitetura. Ai conhece Mário de Sá-Carneiro, de quem ficou grande amigo.

– 1917 –
Cria a Galeria das Artes, no Salão Bobone, em Lisboa.

JOSÉ PACHECO (1885-1934), arquiteto de formação, pintor e artista gráfico, regressa de Paris, em 1913, onde estudou e conheceu Mário de Sá-Carneiro. Desenha a capa para a *Orpheu* 1 e colabora com Fernando Pessoa na preparação do terceiro número.

Partilhando os mesmos ideais de arte com o grupo de *Orpheu*, José Pacheco torna-se uma figura relevante do modernismo português. Em 1916, cria a Galeria das Artes, no Salão Bobone e funda a *Contemporânea*, publicada entre 1922 e 1926 (com um número espécimen em 1915), revista que contará com a colaboração de diversos autores de *Orpheu*, entre eles Almada Negreiros, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Luís de Montalvor.

A admiração que os companheiros modernistas lhe têm espelha-se na correspondência trocada ao longo dos anos.

José Pacheco, O

“ A capa de *Orpheu* do lápis de José Pacheco, é curiosíssima. ”
Fernando Pessoa, [1915]

“ Quando foi da publicação de *Orpheu*, foi preciso, à última hora, arranjar qualquer coisa para completar o número de páginas. Sugeri então ao Sá-Carneiro que eu fizesse um poema “antigo” do Álvaro de Campos – um poema de como o Álvaro de Campos seria antes de ter conhecido Caetano e ter caído sob a sua influência. E assim fiz o “Opiário”, em que tentei dar todas as tendências latentes do Álvaro de Campos, conforme haviam de ser depois reveladas, mas sem haver ainda qualquer traço de contato com o seu mestre Caetano. Foi dos poemas que tenho escrito, o que me deu mais que fazer, pelo duplo poder de despersonalização que tive que desenvolver. Mas, enfim, creio que não saiu mau, e que dá o Álvaro em botão. ”

Excerto do rascunho da carta de Fernando Pessoa para Adolfo Casais Monteiro, 13 de janeiro de 1935.

“ O primeiro número, que se esgotou em três semanas, trazia na capa um desenho de José Pacheco – uma mulher nua entre dois altos círios – o que logo mereceu à má língua de então o comentário de *enterro da Poesia*. ”

Armando Côrtes-Rodrigues, 1953

Álvaro de Campos, O Engenheiro Sensacionista

– 1914 –
Fernando Pessoa assume ser de Álvaro de Campos a redação de “Ode Triunfal”, publicada em *Orpheu* 1.

“ A minha *Ode Triunfal*, no 1.º número do *Orpheu*, é a única coisa que se aproxima do futurismo. Mas aproxima-se pelo assunto que me inspirou, não pela realização. ”

Carta de Álvaro de Campos ao diretor do *Diário de Notícias*, 4 de junho de 1915.

– 1916 –
Pessoa atribui a Campos “A Passagem das Horas”, ode sensacionista, dedicada a José de Almada Negreiros.

– 1917 –
Fernando Pessoa colabora na revista *Portugal Futurista* com os poemas “Episódios” e com o “Ultimatum” de Álvaro de Campos.

FOI ATRAVÉS DE *ORPHEU* QUE PESSOA deu a conhecer Álvaro de Campos, muito elogiado por Sá-Carneiro e Almada. A estreia do controverso heterónimo de Fernando Pessoa ocorreu com a publicação, em *Orpheu* 1, de dois poemas em contraposição estética. O primeiro, “Opiário”, incorpora os tópicos recorrentes do simbolismo e do decadentismo: a angústia existencial, o tédio, a inércia da vontade. O segundo, “Ode Triunfal”, é a celebração da modernidade, da civilização técnica e industrializada – expressão do sensacionismo, retomada por Campos na “Ode Marítima” em *Orpheu* 2.



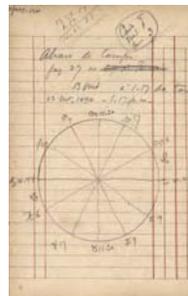
José Pacheco. [1918]



José Pacheco por Almada, 1932.



Álvaro de Campos por Almada Negreiros. [1957]



Carta astral de Álvaro de Campos traçada por Fernando Pessoa [janeiro de 1917].



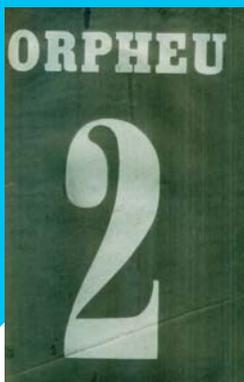
Álvaro de Campos dedica o poema "Opário" a Mário de Sá-Carneiro. Página inicial do poema incluído em Orpheu 1, março de 1915.



Violante de Cysneiros dedica a "Álvaro de Campos, o Mestre", algumas das suas composições poéticas em Orpheu 2, junho de 1915.

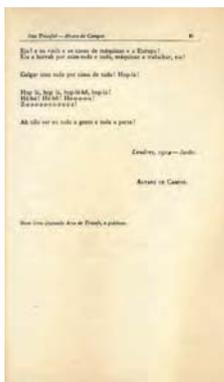
Carlos Rodrigues

Álvaro de Campos



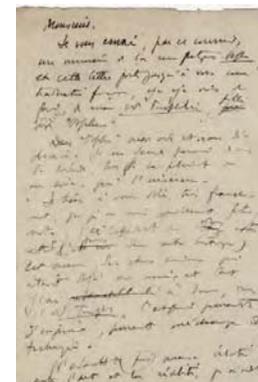
Capa desenhada por José Pacheco para a revista Orpheu 1, 1915.

“Nunca me esqueço da sua Alma, do seu Espírito – de toda a criatura adorável que você é.”
Mário de Sá-Carneiro a José Pacheco, Paris, 12 de fevereiro de 1916.



“Ah, não ser eu toda a gente e toda a parte!”

Último verso de "Ode Triunfal", publicada em Orpheu 1, com a indicação de que fazia parte de um livro intitulado Arco de Triunfo.



Rascunho de uma carta redigida em francês por Campos a Marinetti, em junho de 1915, mas que, provavelmente, não foi enviada. Aqui pode ler-se que o heterónimo pessoano enviou um exemplar de Orpheu e uma tradução francesa da sua "Ode Triunfal" ao fundador do Futurismo.

DURANTE ANOS, C. PACHECO FOI LIDO como mais uma das experiências heteronímicas de Fernando Pessoa. No entanto, uma pasta com escritos, à guarda da família, veio desfazer o equívoco e revelar a verdadeira identidade deste colaborador de *Orpheu* 3.

José Coelho de Jesus Pacheco (1894–1951), nascido em Lisboa, frequenta o Curso de Engenharia no Instituto Superior Técnico, que abandona, em 1916, para se apresentar como voluntário na Escola de Guerra. Sonhou um dia ser aviador e escrever peças de teatro. Colabora com a revista *Renascença* e, desde esses tempos, desenvolve o seu gosto pelas letras.

Da sua amizade com Pessoa, terá surgido a proposta para colaborar no terceiro número de *Orpheu* com "Para além doutro oceano: notas". Mas ainda antes do projeto desta revista, em 1914, Pessoa esboçou o índice de uma outra publicação *Europa*, no qual o nome de Coelho Pacheco aparece associado ao poema "Eu sem mim".

Em 1919, depois de casar, abre o seu primeiro *stand* de automóveis e, a partir de então, segue "por outra estrada, por outro sonho, por outro mundo", ficando os seus versos e o seu nome camuflados.

– 1916 –
Publica "Mangas de Alpaca", uma narrativa curta, no jornal *Correio Ilustrado*.

– 1914 –
Surge como redator da revista *A Renascença*, assinando um texto intitulado "O Jornal dele".

– 1912 –
Recebe o pedido para traduzir o romance de Jules Verne, *A Aldeia Aérea*, publicado pela Bertrand, Lisboa, em 1937.

"Sou de um caráter sobretudo doce e impressionável, e inclino-me para os sentimentos escondidos só para mim e que amo em segredo (...) mas nunca consegui dominar os meus sentimentos pois eles são as vibrações da minha alma e nada posso fazer".

"Je suis d'un caractère plutôt doux et impressionnable, et je suis incliné aux sentiments caches pour moi tout seul et que j'aime en secret (...) mais j'ai jamais pu maîtriser mes sentiments parce qu'ils sont les vibrations de mon âme, et je ne peux rien y faire."

José Coelho Pacheco, excerto do seu diário, 16 de maio de 1916.

"Gostei mais de receber o seu livro [*Mensagem*] do que se a minha fábrica me mandasse um automóvel ainda que fosse com dedicatória. (...) Desde o tempo do *Orpheu* e da *Renascença* (desta talvez Você já se nem lembre apesar de para ali ter colaborado) sei de cor versos seus daquele tempo."

Excerto da carta de José Coelho Pacheco a Fernando Pessoa, 20 de fevereiro de 1935.

José Coelho Pacheco, O Suposto Heterónimo

"Luís de Montalvor is the nearest to the symbolists. He is very little removed, in point of style and spiritual direction, from Mallarmé, who, it is not difficult to guess, must be his favourite poet. But there are clear sensationist elements in his poetry, things entirely out of Mallarmé, more intellectually deeper; more heartfelt in the brain, to speak quite sensationistically."

1924
Thomas Crosse (personagem literária de Fernando Pessoa)

– 1912 –
Encontra-se no Brasil onde ocupa o cargo de Secretário da Embaixada de Portugal.

– 1916 –
Sob a sua direção, em outubro, aparece o primeiro e único número da revista *Centaurus*.

Luís de Montalvor

O Elo Transatlântico

PERTENCE A LUÍS DE MONTALVOR (1891–1947), pseudónimo de Luís Filipe Saldanha da Gama da Silva Ramos, nascido na ilha de S. Vicente em Cabo Verde, a ideia de criar em Portugal uma revista chamada *Orpheu*. Enquanto diretor do primeiro número, é também sua a iniciativa de receber o contributo de Ronald de Carvalho que, tal como Eduardo Guimaraens (poeta de *Orpheu* 2), conhecera durante uma viagem ao Brasil entre 1912 e 1915.

Montalvor assina o poema "Narciso" em *Orpheu* 2 e continua a sua trajetória poética em publicações como *Contemporânea*, *Athena*, *Solução Editora*, *Descobrimento*, *Sudoeste* e *Cadernos de Poesia*, mas é sobretudo graças aos empreendimentos no domínio editorial que legará o seu nome à posteridade. Funda a Editora Ática, responsável pelo lançamento, a partir de 1942, das obras coligadas de Mário de Sá-Carneiro e de Fernando Pessoa.

"Luís de Montalvor, em minha opinião, não era um simbolista. Era somente ele próprio a influenciar."

Alfredo Gusado, 1947

"Não nos ilude Luís de Montalvor na expressão essencial dos seus versos: vive num mundo seu, como todos nós; mas vive com vida num mundo seu, ao passo que a maioria, involuntariamente cria."

Fernando Pessoa, 1927



José Coelho Pacheco, 1914

“ Ao volante do Chevrolet pela estrada de Sintra, Ao luar e ao sonho, na estrada deserta, Sozinho guio, guio quase devagar, e um pouco Me parece, ou me forço um pouco para que me pareça, Que sigo por outra estrada, por outro sonho, por outro mundo, Que sigo sem haver Lisboa deixada ou Sintra a que ir ter, Que sigo, e que mais haverá em seguir senão não parar mas seguir? ”

Álvoro de Campos, 1928 (excerto)



Capa e sumário da revista Renascença, fevereiro de 1914, em que José Coelho Pacheco colabora como editor e redator.



Excerto da carta de José Coelho Pacheco a Fernando Pessoa, 20 de fevereiro de 1935.



José Coelho Pacheco, ao volante do seu Chevrolet, com a mulher e, provavelmente, a irmã mais velha (no banco de trás).



Luís de Montalvor, [1915]



Um rascunho da lista de colaboradores para a revista Orpheu 3, no espólio Fernando Pessoa, em que se pode ler o nome de “José Coelho Pacheco”.



Luís de Montalvor, 1915



Manuscrito do poema “Para além doutro oceano”, escrito por José Coelho Pacheco para a revista Orpheu 3.



Página inicial do poema “Narciso”.



Provas tipográficas de “Para além doutro oceano”: notas de C. Pacheco, para Orpheu 3, com a seguinte dedicatória: “À memória de Alberto Caetano”, [1917].

Ângelo de Lima, O Doente de Poesia

“De Ângelo de Lima, como nada descobrissemos de inédito, decidimos publicar aquele extraordinário soneto — dos maiores da língua portuguesa — em que o poeta descreve a sua entrada na loucura, em que longos anos viveu e em que morreu. O soneto, se não é inédito, está contudo esquecido. Publicando-o, não deixamos de, saudosamente, fazer lembrar quem, não sendo nosso, todavia se tornou nosso.”
Fernando Pessoa, 1935

ESPALHADA A IDEIA de que os de Orpheu seriam todos loucos, ao ponto de se recomendar o seu internamento num manicómio, Fernando Pessoa, com a complicitade convidar Ângelo de Lima (1872-1921), um artista português hospitalizado em Rilhaletes (Hospital Psiquiátrico Miguel Bombarda, em Lisboa), para participar no segundo número, a revista colaboração, a revista passa a ter oficialmente um poeta louco, satisfazendo deste modo os rumores que se tinham propagado pela imprensa.

— 1901 —
Manuel Bombarda escreve um relatório sobre o estado mental de Ângelo de Lima internado no Hospital de Rilhaletes de maio de 1901.

— 1911 —
Escreve em carta a Albino Fojas de Sampaio: “Hoje entro à espera da minha cura”.

“Deixe-me os versos do Ângelo no hotel, o mais tardar terça-feira. (Amanhã seria o ideal). Não se esqueça!”
Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, Lisboa, 9 de maio de 1915.

O estilo elíptico de Ângelo de Lima e os vocábulos extravagantes que utiliza nos seus poemas encaixaram perfeitamente nas linhas modernistas de Orpheu.

— 1921 —
Morre aos 49 anos, no Hospital Psiquiátrico Miguel Bombarda.

“É muita pena que o rapazinho [Raul Leal] seja um pouco Orfeu de mais.”
Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, Paris, 5 de novembro de 1915.

“A filosofia de Raul Leal é um sistema que não é já, propriamente uma filosofia: transcende a filosofia. Mas como é, apesar de tudo, filosofia, é a filosofia que transcende-se a si-própria. E se se perguntar como é que a filosofia se transcende a si-própria a resposta será — sistema é a capacidade de pensar este sistema. A impossibilidade de o explicar explica-o. Não se pode definir — e essa é a sua definição.”
Fernando Pessoa, [agosto-dezembro 1915]

— 1913 —
Publica o ensaio filosófico “A Liberdade Transcendente”.

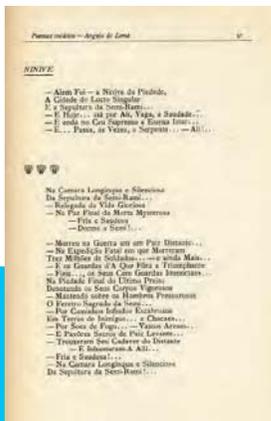
Raul Leal, O Filósofo Vertiginista

RAUL LEAL (1886-1964), advogado, publicitário, crítico de música e de artes plásticas, ensaísta e filósofo, participa no segundo número de Orpheu com “Atelier: Novela Vertigica”. O movimento reflexivo vertiginista que propõe é a tentativa de procurar a fusão entre a poesia, a ficção e a especulação filosófica, mediante a superação de géneros, códigos e o alargamento de todas as possibilidades cognitivas e existenciais. Por vezes assinando com o nome bíblico Henoc, Raul Leal escreve de forma densa, com linguagem obscura e de cariz esotérico, como se “vivera segundo leis alheias à nossa compreensão”, para citar o seu contemporâneo João Gaspar Simões.

— 1916 —
Na revista Centauro, publica o texto literário “A aventura dum Sátrio ou a morte de Adónis”.



Ângelo de Lima, 1911



Ninive
 — Além Foi — a Ninive da Piedade,
 A Cidade do Lucto Singular
 E a Sepultura da Semi-Rami...
 — E Hoje... stá por Ali, Vaga, a Saudade...
 — E anda no Céu Supremo a Eterna Istar...
 — E... Passa, às Vezes, a Serpente... — Ali!...

Página de *Orpheu 2* em que se podem ler estes versos de Ângelo de Lima.



Raul Leal num desenho de Almada Negreiros. *Diário de Labos*, 26 de Setembro de 1921.



Horóscopo de Raul Leal desenhado por Fernando Pessoa, [1916].



Página introdutória de "Atelier", em *Orpheu 2*.



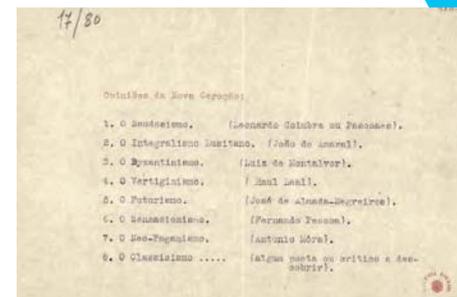
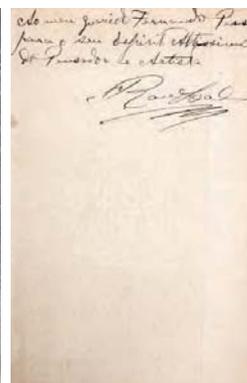
Sobrescrito da carta dirigida "À redação de *Orpheu*", a 8 de abril de 1915, em que Ângelo de Lima agradece a oferta da revista *Orpheu 1*.



"Soneto" de Ângelo de Lima, publicado na revista *Sudoeste* 3, 1935, no número que inclui homenagem aos poetas de *Orpheu*.



Envelope-cartaz de *Antéchrist et la Gloire du Saint-Esprit: hymne-poème sacré*, 1920. No verso, dedicatória a Fernando Pessoa.



Lista das corentes literárias da "Nova Geração" num datiloscrito de Fernando Pessoa, [1916].

Eduardo Guimaraens, O Brasileiro Esquecido

EDUARDO GUIMARAENS (1882-1928), escritor brasileiro, filho de pai português, colabora no segundo número da revista *Orpheu* a convite de Luís de Montalvor e de Ronald de Carvalho, com quem convivera no Rio de Janeiro, em 1913. Por essa altura, encontravam-se com frequência no círculo intelectual Fon-Fon, conhecido assim por estar ligado à revista com o mesmo nome.

Guimaraens dedica-se à escrita; publica alguns livros de poesia e colabora com diversos periódicos de Porto Alegre, sua terra natal, e do Rio de Janeiro. No entanto, as referências que os autores de *Orpheu* lhe fazem são escassas, o que se justifica, por um lado, pela distância que os separava e, por outro, pela morte prematura de Eduardo Guimaraens.

– 1916 –
Colabora nas revistas
A Águia, *Alma Nova* e
Atlântida.

“Há em si o com que os grandes poetas se fazem. Irrealis da sua Matéria. E então é o seu poema sobre o caído dos deuses como o que é azul no céu nos intervalos da tormenta. Exija de si o que sabe que não pode fazer. Não é outro o caminho da Beleza.”
Fernando Pessoa a Ronald de Carvalho, Lisboa, 29 de fevereiro de 1915.

– 1914 –
Começa a exercer
atividades diplomáticas
e passa a residir em
Lisboa até 1919.

“Ronald incutiu-nos um mundo de legenda, um país projetado na voz do pretérito e do longínquo, fixado no plano furtivo da sua imaginação onde o mar vilhoso transcende o real.”
Luís de Montalvor, 1925

– 1913 –
Vai para Paris cursar
Filosofia e Sociologia. No
mesmo ano e na mesma
cidade, faz a sua estreia
literária com o livro
Luz Gloriosa.

“Um dos poemas de Ronald de Carvalho vinha, por distração ou outro qualquer motivo, mal pontuado. Tinha só um ponto no fim das quadras e outro no fim dos tercetos. Esta de ficção lembrou-me a extravagância de Mallarmé, alguns de cujos poemas não têm pontuação alguma, nem no fim um ponto final. E propus ao Sá-Carneiro, com grande alegria a dele que fizéssemos por esquecimento voluntário, a mesma coisa ao soneto de Ronald de Carvalho, indignadamente que a única coisa original” nesse soneto era não ter pontuação, senti deveras um rebate longínquo num arremedo de consciência. Depressa me tranquilizei a mim mesmo. A falta de fim justifica os meios.”
Fernando Pessoa, [posterior a 1922]

Ronald de Carvalho, O Sonetista sem Pontuação

RONALD DE CARVALHO (1893-1945), nascido no Rio de Janeiro, contribui com cinco sonetos para o primeiro número de *Orpheu*. “Torre Ignota” despertou a atenção dos críticos pela “originalidade pretensiosa” de não ter pontuação. Na verdade, a peculiaridade do poema não foi intenção do autor, mas decisão provocatória de Fernando Pessoa e de Mário de Sá-Carneiro que, apesar de terem reparado, em fase de provas, na anomalia tipográfica, optaram por publicar o soneto desse modo, aproveitando para amplificar o tom provocatório da revista.

Num exemplar de *Orpheu* 1, recentemente localizado, Pessoa anotou a palavra “Pontuação” ao lado do referido soneto.

Ronald de Carvalho segue uma carreira de diplomata e político, morrendo aos 41 anos, vítima de acidente de automóvel.

– 1913 –
A 13 de Janeiro, Eduardo
Guimaraens assiste à
conferência “O Génio da
Raça Portuguesa”, por Luís
de Montalvor, proferida no
Rio de Janeiro.

“Escreverei ao Eduardo para satisfazer o que me pedes. Mandarei versos do Alvaro, do Homero, do Ermani, prosa do Alcides Maia e, talvez, do Graça Aranha.”
Carta de Ronald de Carvalho a Luís de Montalvor, Rio de Janeiro, março de 1915.

– 1916 –
Publica o livro de poemas
A Divina Guimera, no Rio
de Janeiro.

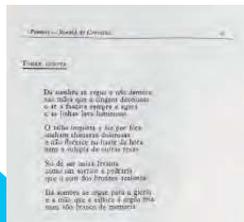
“Procurámos coordenar, Almada e eu, produções inéditas de quantos figuram literariamente na revista extinta e inextinguível a que ambos pertencemos. Excluídos por motivo de estreteza de tempo e largueza de distância, os dois colaboradores brasileiros — Ronald de Carvalho e Eduardo Guimaraens — conseguimos que estivessem presentes todos os outros, com duas exceções, uma delas atenuada com o sacrifício do Ineditismo.”
Fernando Pessoa, 1925.

– 1913 –
Dedica-se à tradução
de autores como Dante
ou Baudelaire.



Ronald de Carvalho, 1915

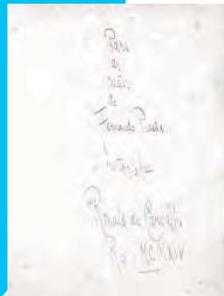
Ronald de Carvalho



Reprodução do soneto "Torre Ignota" de Ronald de Carvalho, num exemplar da revista *Orpheu* 1, pertencente a uma coleção particular. A nota (inédita) a lápis, "Pontuação", no canto superior direito da página, é da autoria de Fernando Pessoa.



Retrato de Ronald de Carvalho com a dedicatória: "Ao Fernando Pessoa, esquisito escultor de máscaras", Rio de Janeiro, 1915.

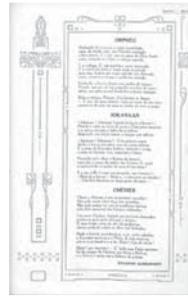


Folha de guarda do livro *Luz Gloriosa*, com a seguinte dedicatória: "Para as mãos de Fernando Pessoa. Fraternal Ronald de Carvalho. Rio - MCMIV".



Eduardo Guimaraens, 1915.

Eduardo Guimaraens



Poemas de Eduardo Guimaraens publicados na revista brasileira *Fon-Fon!*, de 25 de dezembro de 1915.



Eduardo Guimaraens por Helios Seelinger, 1915.



Página da *Fon-Fon!*, 1 de janeiro de 1916, em que Eduardo Guimaraens surge como um dos principais colaboradores.



"Sob os teus olhos sem lágrimas", um dos três poemas que Eduardo Guimaraens publica na revista *Orpheu* 2.



Pormenor de um estudo de Almada Negreiros para um painel comemorativo de *Orpheu*. Na lista (incompleta) de colaboradores da revista, Almada inclui o nome do poeta Eduardo Guimaraens.

José de Almada Negreiros, O Futurista e Tudo!

“ José de Almada Negreiros
– de quem sou, aliás, muito amigo
e profundo admirador. ”
Raul Leal ao Director do Diário
de Notícias, 22 de julho de 1935.

“ Então o Santa-Rita,
sabe, foi hoje não
obstante procurar-me
ao Hotel (...)
O mesmo fato e *bonet*
– como o Pacheco
outro dia contava
– todo esculpido
em trapo – e a voz
a mesma e todo o
corpo tremia – mas
numa tremura onde
havia o seu quê de
bamboleamento. ”
Mário de Sá-Carneiro
a Fernando Pessoa, Paris, 12 de junho, 1914.

– 1910 –
Vai estudar para Paris.

– 1914 –
Regressa a Portugal
onde acaba por nunca
realizar uma exposição
dos seus trabalhos.

– 1918 –
Morre precocemente, aos
28 anos, deixando ordem
à família para destruir
toda a sua obra.

“ Com o
Santa-Rita
todo o cuidado
é pouco: tome
a máxima
cautela, ele
há de por
força querer
falsificar o
Orpheu! ”
Mário de
Sá-Carneiro
a Fernando
Pessoa, Paris,
16 de outubro,
1915.

“ Guilherme
de Santa-Rita,
o espírito mais
brilhante que
conheci (...)
Pintor em
essência mais
do que de
oficina. ”
Almada
Negreiros, 1934

“ Ótimo, pateada a Dantas
publicamente – gente do
Orpheu. Ótimo! ”
Mário de Sá-Carneiro
a Fernando Pessoa, Paris,
3 de novembro de 1915.

“ Delirei, positivamente
delirei, de frontispício da *Cena*
do *Ódio*. Transmita ao Almada
que ele faça o impossível! Urge
publicar a plaquette. ”
Mário de Sá-Carneiro
a Fernando Pessoa, Paris,
7 de outubro de 1915.

“ José de Almada-Negreiros
ignore spontaneous and rapid,
but he is none the less
a man of genius, not only in
age, but in spontaneity and
effervescence. His is a very
distinct personality, and the
wonder is how he came about
it so early. ”
Alvaro de Campos, 1916

– 1912 –

A 9 de maio, estreia-se
no *Salão dos Humoristas*
Portugueses, no Grémio
Literário, ao lado de
cerca de duas dezenas de
jovens artistas, entre os
quais: Stuart Carvalhaes,
Emérico Nunes, Castanhé
e Jorge Barradas.

– 1913 –

A 1 de março, Fernando
Pessoa escreve no seu
diário “Fui com o Almada
Negreiros ao quarto
dele ver os trabalhos para
a exposição: achei
muito bons”.

– 1913 –

A 10 de março, inaugura
a sua primeira exposição
individual, com cerca de
noventa desenhos, na
Escola Internacional
de Lisboa.

– 1914 –

Publica o primeiro
poema, “Silêncios”, no
Portugal Artístico 2.

EM 1915, ALMADA NEGREIROS (1893–1970) apresenta-se em *Orpheu* 1 como desenhador, mas, ao contrário do que se poderia esperar, não assina qualquer trabalho gráfico. Colabora com um conjunto de prosas breves, “Frisos”, possíveis de ler, pela diversidade de imagens que as suas palavras evocam, como um encontro entre texto, pintura e desenho.

Alguns dias após a venda do primeiro número de *Orpheu*, Almada é entrevistado para *O Jornal*, publicando aí uma caricatura que se torna emblemática do conflito entre os novos artistas e a geração anterior.

A 2 de outubro de 1915, depois de patear na estreia da peça *Soror Mariana*, de Júlio Dantas – médico-escritor que recomendou o internamento dos de *Orpheu* –, Almada escreve o *Manifesto Anti-Dantas e por extenso*, um texto corrosivo contra todos os que permanecem cristalizados a tendências artísticas já gastas e criticam os autores modernos.

Para o projetado terceiro número da revista, Almada Negreiros escreve *A Cena do Ódio*, poema mordaz publicado parcialmente em 1923 na separata da revista *Contemporânea 7*.

Santa-Rita Pintor, O Intoxicado de Arte

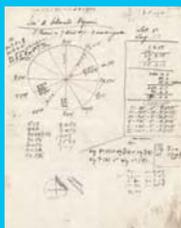
GUILHERME AUGUSTO CAU DA COSTA DE SANTA RITA (1889–1918), ou “Guilherme Pobre” como a ele próprio se chamava, teve uma educação esmerada, atenta aos aspetos culturais. Em Lisboa, concluiu, com boas classificações, o Curso Geral de Desenho e o Curso Especial de Pintura Histórica. Em maio de 1910, é-lhe atribuída uma bolsa para estudar em Paris. Aí frequenta os meios estudantis, artísticos e boémios, convivendo com os artistas das novas tendências europeias, como Picasso e Max Jacob e ainda com os portugueses que residiam na capital francesa, entre os quais Mário de Sá-Carneiro, Dórdio Gomes, Diogo de Macedo, José Pacheco, Amadeo de Souza-Cardoso e o jornalista Homem Cristo Filho, com quem assiste às sessões de Marinetti.

Antes da eclosão da Primeira Grande Guerra, regressa a Lisboa com vontade de agitar o marasmo artístico português. Insere-se no grupo de *Orpheu*, colaborando no segundo volume, e empenha-se, com Almada Negreiros, na promoção do Futurismo, reclamando para si próprio o título de “o grande iniciador do movimento futurista em Portugal”. Vida e lenda misturam-se na biografia de Santa-Rita Pintor, um artista excêntrico, mas quase sem obra.



José de Almada Negreiros, 1913

Almada Negreiros



Carta astral de José de Almada Negreiros traçada por Fernando Pessoa, [1915/1916].



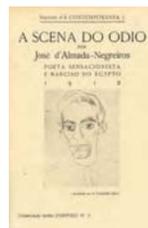
Capa e primeira página do Manifesto Anti-Dantas e por extenso, publicado em 1916.



"A Cena do Ódio", poema redigido para a revista *Orpheu* 3, com dedicatória a Álvaro de Campos.



Página de rosto de "Frisos", conjunto de prosas breves do desenhador José de Almada Negreiros em *Orpheu* 1.



Capa da separata da *Contemporânea* 7, em que se publica um excerto do poema *A Cena do Ódio*, com um retrato de Almada por Vísquez Díaz, 1923.



Página da entrevista "O suposto crime do Orfeu", realizada a Almada, publicada em *O Jornal*, de 13 de abril de 1915, juntamente com um autorretrato e uma caricatura satirizando as críticas feitas à revista *Orpheu* 1. Este recorte de imprensa faz parte do caderno organizado por Sá-Carneiro.

Orpheu



Santa-Rita Pintor, 1917



Santa-Rita Pintor, [s/título], 1911, em baixo pode ler-se: "Estes desenhos são autoretratos do pintor Santa-Rita, feito no café "La Source" em 1911, perante mim José Campos".



Composição de Santa-Rita Pintor para *Orpheu* 2, com o título "Síntese geométrica de uma cabeça x infinito plástico de ambiente x transcendentalismo físico", Paris, 1913.



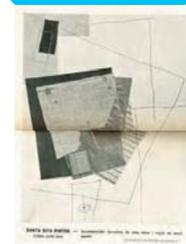
Mário de Sá-Carneiro dedica a Santa-Rita Pintor os "Poemas sem Suporte", escritos para *Orpheu* 2. Os dois artistas conhecem-se em Paris, desenvolvem uma amizade que vacila quando Santa-Rita planeia fazer uma publicação paralela à *Orpheu* 3, com o nome 3.



Em *Orpheu* 2, Álvaro de Campos dedica a "Ode Marítima" a Santa-Rita Pintor, seu cúmplice no gosto pelo futurismo.



Anúncio da publicação da revista *Portugal Futurista* em novembro/ dezembro de 1917. Santa-Rita Pintor e Almada Negreiros são os grandes entusiastas do movimento futurista em Portugal.



Composição de Santa-Rita Pintor para *Orpheu* 2, com o título "Decomposição dinâmica de uma mesa x estilo do movimento", Paris, 1912.

Mário de Sá-Carneiro, o Poeta-Ícaro

“Mário de Sá-Carneiro, o grande animador, o entusiasta sem limites do novo.”

Almada Negreiros, 1934

1912 -
Publica na revista *A Águia* três artigos sobre “A nova poesia portuguesa”, anunciando o “programa de encaminhamento do supér-Camões”.

1913 -
Revista na revista *A Águia* o texto “No Flórida do Alentejo”, o primeiro texto publicado do Livro do Desassombro.

1914 -
Revista com A. Epília, que se recusa a publicar a peça de teatro escrito por O Marinheiro.

1916 -
É o amor-malibú de Senechalinho.

1912 -
Edita o livro de contos *Princípio*, o primeiro ano que publica em *Fernando Pessoa*.

1914 -
Acompaña a publicação de dois dos seus livros, *A Condição de Lisboa*, narrativa, e *Dispersões*, poemas.

1916 -
A 12 de julho suicida-se num quarto de um hotel de Paris.

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO (1890-1916) é recordado pelos seus companheiros como “o entusiasta sem limites do novo”, amante da vida boémia parisiense e um dos impulsionadores fervorosos de *Orpheu*.

No primeiro número da revista participa com os poemas “Para os *Indícios de Ouro*” e no segundo com o conjunto “Poemas sem Suporte”, dedicado a Santa-Rita Pintor, do qual faz parte o poema-paródia do futurismo “Manucure”.

De março a junho de 1915, Sá-Carneiro reuniu vários recortes de imprensa com as reações às duas revistas de *Orpheu* – cadernos conservados ainda hoje no seu espólio.

Quando está em Paris, Sá-Carneiro mantém correspondência regular com os seus amigos e, principalmente, com o seu cúmplice e confidente, Fernando Pessoa.

Na obra 1915-1965, Almada Negreiros lembra que Sá-Carneiro foi o inventor de “lepidóptero”, um dos termos pejorativos utilizados pelos de *Orpheu*, para se referirem àqueles que criavam resistência às ideias de modernidade.

“Ah ia-me esquecendo. Lembra-se Mário quando me perguntou do que eu tinha mais medo neste mundo? Respondi logo: da estupidez. E o Mário disse: assim não vale. Você já sabia isso de cor.”

Almada Negreiros, 1965

“Quando Sá-Carneiro aparecia por Lisboa, vivia no Largo do Carmo, ao pé do convento. Vinha raramente a cafés. Ia vê-lo várias vezes por semana à sua casa e ouvi da boca dele muitas das suas prosas e poemas. Era cheio, corado, com aspeto físico que contrastava com a estranha vibração da sua sensibilidade.”

Armando Côrtes-Rodrigues, 1966

Fernando Pessoa, o Mestre Oculto

“Suplico-lhe que nunca deixe de me escrever essas grandes cartas. Se soubesse como me faz bem, como sou feliz lendo-as e respondendo-as. Aqui [em Paris] como em Lisboa – mas aqui mais intimamente – você é o meu único companheiro.”

Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, Paris, 24 de agosto de 1915.

“Nunca conheci ninguém de tão vasta cultura e de tão penetrante inteligência que fosse mais simples, mais acolhedor, mais delicado, mais correto e menos dogmático do que ele, que bem poderia servir de exemplo a certos partidarismos literários. Magro, extremamente reservado, o poeta possuía uma magnífica memória, que lhe permitia recitar poetas franceses e ingleses e invariavelmente aquele poema de Camilo Pessanha que começa “Chorai arcadas/ de violoncelo/ convulsionadas...”.

Abancávamos na Brasileira do Chiado ou do Rossio durante o dia, com um grupo de amigos, que já presentiam o génio desse homem que tinha, no seu ar de mistério, qualquer coisa de iluminado, com os olhos penetrantes que olhavam, para além dos óculos, o enigma das almas e do mundo.”

Armando Côrtes-Rodrigues, 1953

FERNANDO PESSOA (1888-1935) é um dos motores de *Orpheu*. O seu nome aparece ligado à direção do segundo volume, ao lado de Mário de Sá-Carneiro. No entanto, ao referir-se a Luís de Montalvor, a Sá-Carneiro e a si próprio, ressalva: “A direção real da revista era, e foi sempre, conjunta, por estudo e combinação entre nós os três”.

O empenho de Pessoa em *Orpheu* não se esgota nos textos que redige, estende-se por diversos aspetos relacionados com a publicação: a escolha dos conteúdos e dos colaboradores; a seleção do papel e da gráfica; a distribuição dos exemplares; o controlo dos números vendidos e ainda o acompanhamento das críticas pela imprensa.

Entre abril e junho de 1915, Pessoa esboça algumas críticas literárias, que deixou inéditas, sobre *Orpheu*. Num desses textos afirma a existência de homens de génio entre os colaboradores da revista.

Pessoa sabia que *Orpheu* era, acima de tudo, o início de uma nova corrente literária e artística em Portugal.

“[Fernando Pessoa], o mais lúcido companheiro literário que possa alguma vez ter um autor, e o porta-bandeira erudito do nosso grupo.”

Almada Negreiros, 1934



Mário de Sá-Carneiro, 1915



Carta astral de Mário de Sá-Carneiro traçada por Fernando Pessoa, [1915].



Lista das obras dos colaboradores de Orpheu 1. Mário de Sá-Carneiro é o autor com mais títulos publicados à data, março de 1915.



Dispersão, primeiro livro de poesia de Mário Sá-Carneiro, publicado em 1914, com a indicação "em casa do autor, Travessa do Carmo, Lisboa". José Pacheco assina a capa.



Panfletos do Café Riche, frequentado por Mário de Sá-Carneiro em Paris.



Álvaro de Campos dedica a Sá-Carneiro o poema "Opiário", inserido em Orpheu 1.

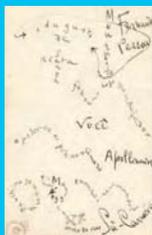
Em Orpheu 2, é Violante de Cysneiros quem dedica alguns dos seus versos "Ao Sr. Mário de Sá-Carneiro".



Poema de Sá-Carneiro, intitulado "7", com a data de fevereiro de 1914, publicado em Orpheu 1, 1915.

Passagem de "Manucure", poema de Sá-Carneiro inserido em Orpheu 2, junho de 1915.

Mário de Sá-Carneiro



Linhaes ao jeito de Apollinaire num postal enviado por Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, a 18 de novembro de 1914, em que se pode ler:

“ Meu querido Fernando Pessoa, o Augusto de Santa-Rita falou-me hoje que tinha falado a Você a pedir-lhe os pederastismos do Apollinaire na Semaine de Paris. Mas isso é consigo. Envie-lhe o número se quiser. Um entrelaçado abraço do seu Sá-Carneiro. ”



Carta de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, Paris, 16 de outubro de 1915, em que pode ler-se:

“ Assinarei assim (se você concorda): Mário de Sá-Carneiro Diretor de Orpheu. Se você não acha bem, e acha preferível pôr Poeta Sensacionista, cabalístico, metafísico, interseccionista, opiado etc. - para mim é-me indiferente. ”



Postal de Mário de Sá-Carneiro para o "Sr. Dom Álvaro de Campos, engenheiro", escrito durante a viagem de Lisboa para Paris, em San Sebastian, a 13 de julho de 1915. Aqui pode ler-se:

“ Funiculares, as minhas ânsias de ascensão!... (à maneira de A. de Campos). ”



Carta de Mário de Sá-Carneiro para Fernando Pessoa, Lisboa, 21 de junho de 1915. Pode ler-se a seguinte proposta a propósito da preparação do segundo número da revista:

“ que esteja amanhã 3ª feira às 7 horas da tarde, sem falta no Martinho. É por causa do Orpheu. Inadiável o assunto. Rogo-lhe por isso que não deixe de aparecer! ”



Manuscrito de Mário de Sá-Carneiro, provavelmente enviado a Pessoa, em que se lê:

“ Um grande, grande adeus do seu pobre Mário de Sá-Carneiro, Paris, 26 de abril 1916. ”
(dia do seu suicídio em Paris).

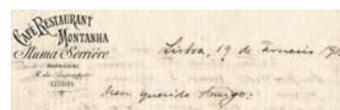
“ Porque creia, meu pobre Amigo: eu estou doído. Agora é que já não há dúvidas. Se lhe disser o contrário numa carta próxima e se lhe falar como dantes - você não acredite: O Sá-Carneiro está doído. Doidice que pode passear nas ruas - claro. Mas doidice. Assim como o Ângelo de Lima sem gritaria. Literatura, sensacionismos - tudo isso acabou. Agora só manicómio. ”

Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, Paris, 13 de janeiro de 1916

“ Resta explicar o que é *Orpheu*. É uma revista, da qual saíram já dois números; é a única revista literária a valer que tem aparecido em Portugal, desde a *Revista de Portugal*, que foi dirigida por Eça de Queirós. A nossa revista acolhe tudo quanto representa a arte avançada; assim é que temos publicado poemas e prosas que vão do ultra-simbolismo ao futurismo. ”
 Fernando Pessoa a Camilo Pessanha, Lisboa, maio de 1915.



Fernando Pessoa colabora no primeiro número com *O Marinheiro*: drama estético em um quadro, dedicado ao pintor Carlos Franco. Trata-se do único texto dramático a figurar em *Orpheu*.



Detalhe da carta enviada por Pessoa para Cortes-Rodrigues, Lisboa, 19 de fevereiro de 1915, em que pode ler-se: “vai entrar imediatamente no prelo a nossa revista, *Orpheu*”. Pouco mais de um mês depois, o primeiro número aparece nas bancas.



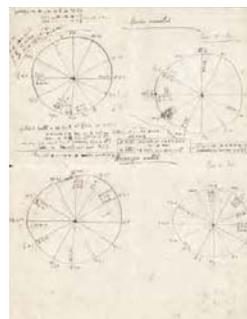
Com “Chuva oblíqua”, em *Orpheu* 2, Fernando Pessoa apresenta um outro “ismo”, o interseccionismo. Na carta sobre a Gênesis dos *Heterónimos*, em 1935, Pessoa conta que escreve estes poemas interseccionistas a seguir ao aparecimento de Alberto Casais, o Mestre, quase como que para recuperar a sua própria existência. Depois, surgem Ricardo Reis e Álvaro de Campos.



Fernando Pessoa, janeiro de 1914



Fernando Pessoa por Almada Negreiros, 1914

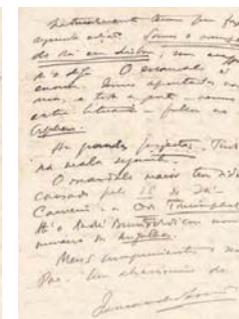


Estudos do horóscopo de Fernando Pessoa, desenhados por ele próprio, [1915-1918].



Carta de Fernando Pessoa a Armando Cortes-Rodrigues, a 4 de abril de 1915. Aqui pode ler-se:

“ Naturalmente temos que fazer segunda edição. Somos o assunto do dia em Lisboa; sem exagero lho digo. O escândalo é enorme. Somos apontados na rua, e toda a gente – mesmo extra-literária – fala no *Orpheu*. ”





Página manuscrita em que Fernando Pessoa enumera factos determinantes na sua vida durante os anos que terminam com o número cinco, entre eles *Orpheu*, em 1915.



"Os precursores do modernismo em Portugal", página de homenagem aos de *Orpheu* pela publicação *O Notícias Ilustrado*, n.º 37, 1928.

1925: Orpheu, "Estas Páginas Antagónicas Prosseguirão"

“ O *Orpheu*, revista trimestral de literatura, apareceu em março de 1915; o segundo número apareceu em junho desse ano, e foi o último. Do ruído que causou, das discussões que fez nascer e do êxito, de diversa ordem, que teve não há mister que falemos; porque, ainda que hajam passados dez anos sobre as datas daquelas publicações, todos o não esqueceram ou o sabem. Como todos os inovadores, fomos objeto de largo escárnio e de extensa imitação. Não esperávamos, para falar verdade, nem uma cousa nem outra; dadas elas, não nos preocupou uma, nem outra nos envaideceu. ”

Fernando Pessoa, [1925]

“ O escândalo que o aparecimento de *Orpheu* produziu no público foi e ficou inédito na vida literária portuguesa. Portugal leitor, de Norte a Sul, delirava de regozijo, exatamente como se cada português tivesse sido o achador daqueles loucos à solta. (...)

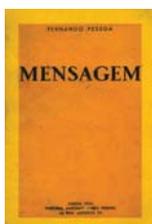
Orpheu era honradamente literário! (...)

É que *Orpheu*, meus senhores, foi o primeiro grito moderno que se deu em Portugal.

Orpheu é o pioneiro movimento moderno em Portugal! ”

Almada Negreiros, "Um aniversário *Orpheu*", *Diário de Lisboa*, 8 de março de 1935.

1935: 20 Anos de Orpheu, A Morte de Pessoa



Mensagem, Fernando Pessoa. Lisboa, 1934, com a dedicatória: "Ao José de Almada Negreiros (viva, Bebê do *Orpheu*!), com a amizade, a admiração e o entusiasmo de sempre, e um grande abraço, off. o Fernando Pessoa 13-1-1935".



Almada Negreiros, *Diário de Lisboa*, 8 de março de 1935, texto ilustrado, comemorativo do 20.º aniversário da revista *Orpheu*.



Exemplar da revista *Sudoeste* 3, novembro de 1935, edição dedicada aos colaboradores de *Orpheu*, em que se anuncia "Brevemente *Orpheu* 3" e se publicam textos de Alfredo Guisado, Almada Negreiros, Álvaro de Campos, Ângelo de Lima, Fernando Pessoa, Luís de Montalvor, Mário de Sá-Carneiro e Raul Leal.



Desenho de José de Almada Negreiros, *Diário de Lisboa*, 6 de dezembro de 1935, no suplemento dedicado à memória de Fernando Pessoa.

“ Nunca eu admirei mais a alguém, e nunca ninguém soube ser tão francamente generoso para comigo! ”

José de Almada Negreiros sobre Fernando Pessoa, "Fernando Pessoa o poeta português", *Diário de Lisboa*, 6 de dezembro de 1935.



"O *Orpheu*", *Diário de Notícias*, Lisboa, 3 de dezembro de 1935. Carta de Almada Negreiros dirigida ao diretor do jornal, mostrando o seu desagrado por ter incluído António Ferro na lista de colaboradores de *Orpheu*. Apesar de terem sido amigos, em 1935, os motivos ideológicos tinham já afastado Almada de António Ferro. Neste recorte de imprensa lê-se:

“ Sr. diretor: O *Diário de Notícias*, por engano de informação na notícia do falecimento do poeta Fernando Pessoa, tem uma inexatidão, que sabemos absolutamente involuntária, e na qual se inclui entre os colaboradores representantes do *Orpheu* o nome de António Ferro. Para esclarecimento da verdade e dos seus leitores peço a V. a publicação destas linhas e das quais resulta serem hoje únicos representantes vivos do *Orpheu*. Luís de Montalvor, Alfredo Guisado e eu, mais o colaborador extraordinário do *Orpheu*, dr. Raul Leal. ”

1953 E 1954: Orpheu nos Irmãos Unidos



"Diálogo com o poeta Armando Côrtes-Rodrigues", *Primeiro de Janeiro*, 20 de outubro de 1953. Nesta entrevista pode ler-se:

“ Foi nesse mesmo local [restaurante Irmãos Unidos] que nos juntámos os três num convívio de saudade, após trinta e oito anos, sentindo a presença amiga dos mortos. O novo proprietário dos Irmãos Unidos, sr. António Guisado, irmão do poeta, quando concluir a remodelação do restaurante, vai mandar colocar na parede uma lápide comemorativa do aparecimento da revista. ”



Cartaz publicitário do vinho Casal Garcia com o texto manuscrito para a placa comemorativa dos encontros dos autores de *Orpheu* no restaurante Irmãos Unidos, em que se lê:

“ Aqui com: Fernando Pessoa, José Pacheco, Luís de Montalvor, Mário de Sá-Carneiro, Alfredo Guisado, Armando Côrtes-Rodrigues, José de Almada Negreiros. Estando ausentes: Eduardo Guimaraens e Ronald de Carvalho. Surgiu para a publicidade a luz de Orpheu iluminando os novos caminhos da Poesia, em março de 1915. ”

A LEMBRAR ORPHEU



Alfredo Guisado, Armando Côrtes-Rodrigues e José de Almada Negreiros junto da estátua de D. Afonso Henriques, no Castelo de S. Jorge, em Lisboa, [1953].



Estudo de Almada Negreiros para o projeto de homenagem ao grupo de *Orpheu*, destinado ao restaurante Irmãos Unidos, 1954.



Retrato de Fernando Pessoa, tela de Almada Negreiros para o restaurante Irmãos Unidos, 1954, atualmente em exibição na Casa Fernando Pessoa, em Lisboa.



Réplica pintada por Almada Negreiros do Retrato de Fernando Pessoa, encomendada pela Fundação Calouste Gulbenkian, em 1964. Este quadro pode ser visto no Centro de Arte Moderna - FCG, em Lisboa.

OS RAPAZES DE ORPHEU

1965: Cinquenta Anos Depois de Orpheu

“ A Arte era a solução. A nossa solução comum; éramos em realidade muito estranhamente diferentes uns dos outros. ”

Almada Negreiros, 1965

Almada Negreiros, em Coimbra, durante a conferência "Arte, a Dianteira", realizada a 10 de dezembro de 1965, a propósito das comemorações dos cinquenta anos de *Orpheu*, organizadas pelo Conselho Cultural da Associação Académica.



Capa e página manuscrita da maquete do livro *Orpheu 1915-1965*, de Almada Negreiros, publicado em desdobrável, pela Ática, em 1965. Neste ensaio, escrito a pedido do poeta Alberto Serpa, Almada evoca o "advento de *Orpheu*", destacando:

“ Os 3 (três) vocábulos prejurativos [sic] em dias do *Orpheu*: literatura, botas d'elástico e lepidóptero. ”



Página do jornal *O Primeiro de Janeiro*, dedicado ao cinquentenário de *Orpheu*, março de 1965. Com textos de José de Almada Negreiros, Alfredo Guisado e João Gaspar Simões.

"Orpheu"
"Acabou!"

COMISSÃO CIENTÍFICA
E DESENVOLVIMENTO
DE CONTEÚDOS
© António Cabral
© António Pires
© Silvia Lusaena Costa

DESIGN
© Silvia Prodónio

COORDENAÇÃO EDITORIAL
(LIVRO + CD)
© Otiava Alvar (BOCA)

IMAGENS
© Casa Fernando Pessoa
© Biblioteca Nacional de Portugal
© Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada
© Fundação António Gualter - Centro de Arte Moderna
© Fundação Calouste Gulbenkian - Centro de Arte Moderna
© Herdeiros Almeida Guimarães
© Herdeiros José Coelho Pacheco
© Jorge Mendes
© Moisés Gomes - Arquivo Virtual J. da Geração de Orpheu

Orpheu
Continua."

FERNANDO PESSOA, 1935

"Orpheu"
Acabou."

AGRADECIMENTOS
Ana Vasconcelos
Ana Rita e Almerim
Aurélia Almeida
Catalina Almeida Nogueiras
Francisco de Barros e Vasconcelos Guizado
Jorge e Mendes
Mafalda Ferro
Marta e José Almeida Nogueiras
Rui Soares
Rui Sousa
Sofia Din

Abril 2015
100 anos de Orpheu

Orpheu
Continua."

INICIATIVA E COORDENAÇÃO



CASA FERNANDO PESSOA



PARCERIA



COLABORAÇÃO



© IELT é financiado por Fundo Nacional através do FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do projeto FCT/OE/RT/0041/2014